

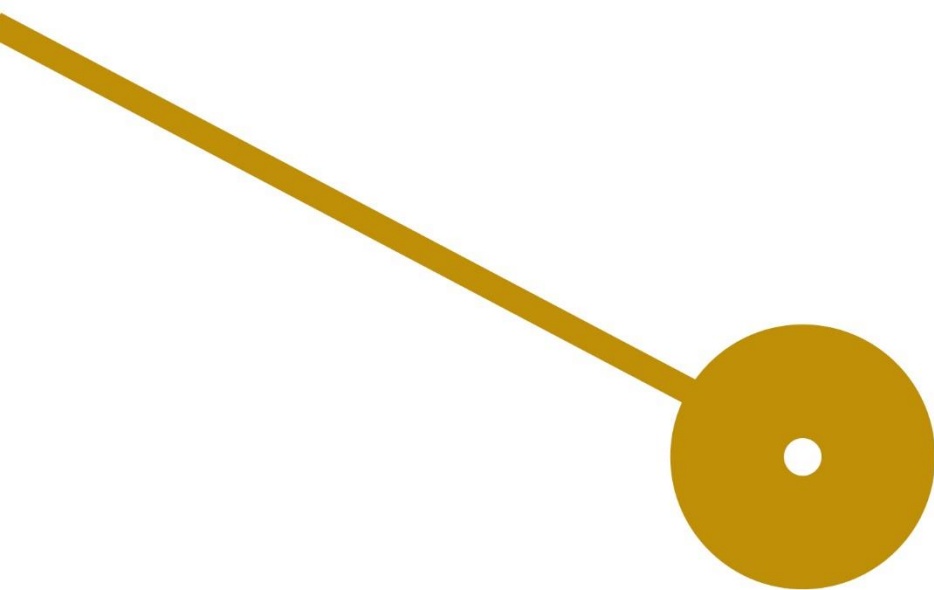


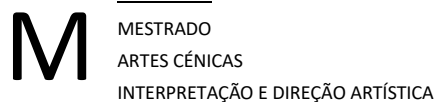
# Quem sou eu? Em dia de festa

Um trabalho dramatúrgico a partir de um projeto em comunidade

Micaela Cristina Soares de Moura

10/2021





# Quem sou eu? Em dia de festa

Um trabalho dramaturgico a partir de um projeto em comunidade

Micaela Cristina Soares de Moura

Relatório de estágio apresentado à Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes Cénicas, especialização Interpretação e Direção Artística

Professora Orientadora  
Cláudia Marisa

Dedico este trabalho à minha mãe, para que nunca deixe de sorrir.

## Agradecimentos

À minha orientadora, Cláudia Marisa pela disponibilidade, paciência e positivismo.

Ao Teatro de Marionetas do Porto por me dar sempre oportunidade de explorar áreas de trabalho que me desafiam.

À minha mãe, por ser sempre colo.

À minha família, por acreditarem sempre que sou capaz.

Aos professores e colegas de mestrado pelos dois anos de partilha.

Aos meus colegas de trabalho do Teatro de Marionetas do Porto pela paciência.

À Sofia, por me ouvir sempre.

À Isabel Barros pela confiança.

À Associação Monte Pedral pelo acolhimento fabuloso do projeto.

Aos generosos participantes desta 3ª edição do *Quem sou eu?*

À equipa do Teatro Helena Sá e Costa por acolher este projeto.

Ao Jorge Louraço Figueira por me ajudar a desbloquear, por me ouvir nos momentos de crise.

À minha amiga Isabel Carvalho por ter sempre as melhores palavras de encorajamento.

Ao meu amigo Pedro Henrique por me ter incentivado a inscrever no mestrado, por ser incansável na sua disponibilidade em ajudar e por me incentivar sempre a seguir em frente.

A Todos, o meu mais sincero Obrigada!

Micaela.

## **Resumo**

A necessidade de explorar o conceito de festa, especialmente num período de “não contacto” motivou a que esta pesquisa fosse feita em proximidade e com uma comunidade sénior. Ainda que antagónico, a urgência de contacto de cariz social e intelectual levou-me a desenvolver um projeto com aqueles que, neste período, estavam mais isolados.

*Quem sou eu?* É um projeto de criação artística com a comunidade, do Teatro de Marionetas do Porto. Um projeto que visa perpetuar a sensibilização artística e a inclusão social.

Enquanto atriz residente do Teatro de Marionetas do Porto, participei no processo de criação das edições anteriores. Nesta 3ª edição surgiu a possibilidade de criar o texto para o espetáculo.

O meu tema de pesquisa é “Festa/celebração enquanto potencialidade cénica e dramaturgica”, e como o conceito do projeto é o autorretrato, fez-me sentido explorar este tema com uma geração mais velha e de não atores.

O motor da pesquisa foi criar laços com os participantes, conhecê-los e ouvi-los: através de longas conversas, entrevistas e jogos teatrais. Realizei vários registos: fotográficos, vídeo, áudio e escritos (no meu caderno de anotações).

## **Palavras-chave**

Teatro; Comunidade; Festejos; Celebrações; Cultura; Inclusão social; Corpo; Voz; Palavra; Canto; Coletivo; Marionetas; Memórias; Histórias; Festa; Comemoração

## **Abstract**

The need to explore the concept of party, namely in such a «non contact» period motivated me for this research to be made with a close connection and with a senior community. Despite its antagonistic nature, the urgency for social and intellectual contact made me develop a project with those, who, in this period, were more isolated.

*Quem sou eu?* [Who am I?] is a project of artistic creation with the community, by Teatro de Marionetas do Porto. A project, which is aimed at continuing the artistic awareness and social inclusion. As a resident actress of Teatro de Marionetas do Porto, I have been a part in the creation process of the previous editions. In this 3<sup>rd</sup> edition the opportunity to create the text for the show arose. My topic of research is «Party/celebration as a scenic and dramaturgical potential», and as the concept of the project is self portrait, it made sense to explore this topic with an older generation and one who are not actors.

The drive behind the research was to create bonds with the players, to know and listen to them: through long conversations, interviews, and theatrical games. I have conducted several records: photographic, video, audio and written in my notebook).

## **Keywords**

Theatre; Community; Celebration; Culture; Social Inclusion; Body; Voice; Word; Singing; Colective; Puppets; Memories; Stories; Party;

# Índice

<b>Agradecimentos</b> .....	iv
<b>Resumo</b> .....	v
<b>Palavras-chave</b> .....	v
<b>Abstract</b> .....	vi
<b>Keywords</b> .....	vi
<b>Introdução</b> .....	2
<b>Parte I – Envelhecer e festejar</b> .....	4
<b>Contaminação</b> .....	7
<b>Parte II – Contacto</b> .....	11
<b>Conhecer os Participantes</b> .....	11
<b>Planeamento das sessões</b> .....	14
<b>Redescobrir ou expectativa vs Realidade</b> .....	23
<b>Festa ou celebração</b> .....	25
<b>Parte III – Construção do texto</b> .....	26
<b>Processo</b> .....	26
<b>Símbolos</b> .....	28
<b>Janela</b> .....	28
<b>Tempo e Viagem</b> .....	29
<b>São João</b> .....	30
<b>Solidão</b> .....	30
<b>Marionetas</b> .....	30
<b>Festa Infinita</b> .....	32
<b>Quem somos nós aqui, hoje?</b> .....	33
<b>Parte IV – Objeto artístico</b> .....	33
<b>Quem sou eu? Em dia de Festa – um texto de Micaela Soares</b> .....	33
<b>Nota sobre o texto</b> .....	42
<b>Considerações finais</b> .....	43
<b>Fontes de informação</b> .....	45
<b>Anexos</b> .....	47

## Introdução

*Quem sou eu?* é desde já, um título bastante sugestivo. Pessoalmente é uma questão que me faz refletir, mas quando nos propomos a falar sobre os outros, buscamos a essência que vai para além das palavras. Essência essa que se manifesta nos comportamentos, olhares e gestos, e que, muitas vezes, é mais difícil de autoanalisar. *Quem sou eu?* é um projeto criado pelo Teatro de Marionetas do Porto que surge da forte inquietação de trabalhar com grupos de comunidades seniores, visando perpetuar a inclusão social e a sensibilização artística. Trata-se de um projeto generoso que permite aos participantes estar em contacto com o meio artístico de uma forma profissional, abordar novas técnicas e obter conhecimentos nesta área, estar em contacto com a música, a dança, a manipulação e construção de marionetas, entre outras.

Enquanto “Fazedora de Teatro”, termo que adotei (enquanto participante do workshop realizado na ESMAE) da incrível investigadora e artista Teresa Brayshaw e com o qual me identifico absolutamente, penso que devo ser livre a criar, mas nunca esquecer que a arte tem o poder de mover massas, incentivar, inspirar, transformar, e é neste poder que encontro também um dever cívico, o qual é, sem dúvida, um potenciador deste projeto com uma comunidade.

Pensar/refletir sobre o conceito de festa e celebração surgiu num momento em que comecei a ver a arte como um paradigma deste conceito. Passo a explicar: As festas e celebrações surgiram a par com os rituais de celebração, perda ou agradecimento onde por sua vez se manifestaram os primeiros registos de teatralidade no ser humano. Ora, o Teatro enquanto conceito, e consequentemente espaço, evoluiu, assim como as diferentes formas de celebração. Esta reflexão fez-me ver a arte, na sua efémera forma, como uma constante celebração à vida. Qualquer que seja o conceito explorado na matéria artística fala-se sobre a vida, e essa matéria é ao mesmo tempo contaminada pela nossa vivência, como por sua vez nos contamina enquanto indivíduos. Penso que o artista se coloca no lugar da celebração quando se propõe a criar.

As celebrações, os festejos são práticas intrínsecas ao ser humano. É algo transcultural. Crescemos a ver celebrar e a festejar os entes mais queridos, e a nós próprios.

Quando comecei a explorar o conceito de festa e celebração analisei

primeiramente o que eram estes conceitos para mim, como eu celebrava e festava, o que era realmente importante para mim celebrar, se o fazia apenas em coletivo ou se havia alguma forma de celebrar sozinha. A verdade é que as respostas a estas perguntas são, naturalmente, completamente influenciadas pela minha cultura, educação e experiências. Logo percebi que não era suficiente. Compreendi que era ingênuo da minha parte explorar um conceito com tantas ramificações possíveis autocentrando-o. Senti uma sensação de impotência em relação ao tema. Embora esta ideia de festa já estivesse em alguns dos meus textos, não poderia deixar de referir o efeito do período pandémico no desenvolvimento da questão.

Pensar sobre festa pareceu-me cada vez mais e mais urgente. Fomos obrigados a nos reinventarmos em tantos aspetos, nomeadamente a forma como celebramos. Aniversários, épocas festivas, conquistas, movimentos políticos, reencontros, nascimentos, mortes... Como se celebra tudo isto quando nos devemos isolar?

Houve, portanto, vários motores: é urgente celebrar. É urgente estar em contacto. É urgente resgatar os que mais sofreram com a pandemia, os idosos. É urgente falar de celebração num período cheio de arco-íris negros. É urgente falar de celebração com quem tem mais experiência do que eu e presenciou momentos históricos que eu não presenciei. É urgente estar em grupo.

É urgente usar a arte na urgência da vida.

Neste estágio no Teatro de Marionetas do Porto, a proposta foi escrever o texto para a 3ª *Quem sou eu?* de 2021, sob o tema Festa e Celebração aplicado ao contexto atual de pandemia. O projeto foi desenvolvido em parceria com um grupo do centro dia da Associação Monte Pedral. *Quem sou eu?* é um projeto apoiado pela Câmara Municipal do Porto.

## Parte I – Envelhecer e Festejar

*“Nenhuma sociedade que esquece a arte de questionar pode esperar encontrar respostas para os pensamentos que a afligem” (Bauman, 2014)*

Envelhecer e festejar ao olho destreinado são antíteses, mas a reflexão que proponho é precisamente o oposto. Em que medida o envelhecimento poderá ser um festejo, uma celebração de tudo o que se viveu?

Atento que, a junção destes dois conceitos pode sugerir que me estou a referir a aniversários. Os aniversários celebram o nascimento de algo, não o envelhecimento em si, essa transformação molecular e fisiológica comum a todos os seres vivos. Refiro-me ao ato existencial de envelhecer e tudo o que isso aporta num ser individual.

A memória apenas faz sentido enquanto retrato presente falado da experiência do viver, do risco do amar, do exagero do sentir e da beleza do recordar. De outra forma, é apenas nostalgia. Assim, a minha proposta dramatúrgica caminhou nesse sentido, a celebração da experiência do indivíduo, o festejo do que a sua vivência contém para revelar ao presente o espaço único e imprescindível que ocupa, e o questionamento do que pode ser, realmente celebrado no coletivamente e individualmente, uma celebração para além dos costumes habituais.

A ideia de festa surge da motivação de explorar o conceito enquanto potencialidade cénica e dramatúrgica. No entanto a ideia de festa como a conheço não me era suficiente. Festejamos pelas necessidades básicas da nossa cultura. Mas porque festejamos afinal? É apenas uma questão cultural ou há uma necessidade interior que vem do âmago de nós próprios enquanto seres humanos? Recordo agora as celebrações das festas dionisíacas, que eram celebrações de carácter cívico-religioso e feito em comunidade na Grécia antiga, das quais mais tarde surgem a comédia, a tragédia e o drama satírico – o teatro a par com as celebrações - o que me leva à seguinte questão: O outro é sempre necessário para festejar?

A resposta para estas interrogações é impossível sem que este questionamento abranja mais pessoas e outras formas de entender.

Considero a ideia de envelhecimento enquanto transição individual permanente do ser humano.

Todo o organismo multicelular possui um tempo limitado de vida e sofre mudanças fisiológicas com o passar do tempo. É uma mutação individual, não partilhada.

Refletir sobre estes dois conceitos tão distintos, motivou-me a uni-los num projeto artístico.

Se por um lado é importante abordar o conceito de festa com pessoas mais velhas, indo beber às experiências, vivências e crenças, por outro também é importante celebrar o envelhecimento.

Podemos celebrar sozinhos e envelhecer em coletivo? Este é um dos meus focos neste trabalho, e ao longo do mesmo vou debater esta questão, esperando que nesse questionamento esteja a resposta sempre em atualização.

*Como se morre de velhice  
ou de acidente ou de doença,  
morro, Senhor, de indiferença.  
Da indiferença deste mundo  
onde o que se sente e se pensa  
não tem eco, na ausência imensa.  
Na ausência, areia movediça  
onde se escreve igual sentença  
para o que é vencido e o que vença.  
Salva-me, Senhor, do horizonte  
sem estímulo ou recompensa  
onde o amor equivale à ofensa.  
De boca amarga e de alma triste  
sinto a minha própria presença  
num céu de loucura suspensa.  
(Já não se morre de velhice  
nem de acidente nem de doença,  
mas, Senhor, só de indiferença.)*

*Como se morre de velhice*, Cecília Meireles in *Poemas* (1957)

Quando decidi que ia realizar um projeto com uma comunidade sénior, e após a proposta ter sido aprovada pelo Teatro de Marionetas do Porto, deparei-me com um artigo do *jornal Público* que tinha como título: *Porque escolhemos não ver os velhos?* De Dulce Maria Cardoso.

Este artigo foi escrito a 20 de dezembro de 2020 e, embora o conteúdo do artigo seja muito interessante e reflita sobre o período pandémico que estávamos, estamos a viver, o que me impactou foi precisamente o título. Lembrei-me deste poema da poetisa brasileira, onde a mesma reflete sobre o esquecimento do outro. Coloca a velhice, o acidente e a doença no lugar da indiferença silenciosa, como se fossemos esquecidos ou deixados para trás e que essa será a morte mais silenciosa e dolorosa.

No contexto atual vê-se a velhice como um peso e não algo a ser valorizado enquanto documento vivo de história. Tendo Zygmunt Bauman (1925-2017) estando presente nas

minhas pesquisas, percebo que, para este filósofo, este tipo de relação social é a causa efeito de um progressivo individualismo que leva à desumanização e insensibilidade numa sociedade embebida pelo consumo, onde esta aceleração temporal não dá espaço à contemplação ou à valorização do outro, onde a socialização natural entre indivíduos se perde no seu individualismo consumista. Ora, cabe-me, com este projeto tratar a velhice como “documento de memórias e costumes” dando voz ao passado para iluminar o futuro. Bauman serve-me para refletir sobre a atual sociedade e contrabalançar esta atual tendência social com a valorização de alguns, muito poucos, “velhos” que têm aqui a oportunidade de ter a palavra.

Infelizmente há muitos relatos de solidão na velhice, abandono e ao me propor a realizar um trabalho com uma comunidade sénior não podia ignorar o impacto social do projeto. Foi preciso tomar consciência de que estaria a lidar com pessoas que poderiam estar frágeis emocionalmente, pessoas que têm outro ritmo, que precisam de atenção, e que o meu papel não seria apenas como orientadora de exercícios, mas também um contacto próximo e uma figura a confiar.

Mais do que sensibilização artística, trata-se de promover a inclusão social através da arte.

Os centros dia têm um papel fundamental no envelhecimento ativo, propondo atividades que promovem a relação com as artes, a ciência, a literatura, agricultura, entre outros, mas acabam por ficar isolados, sem o contacto, com o mundo exterior. Penso que é importante haver este contacto com o mundo exterior, que potencia o contacto com estruturas artísticas, para mostrar e promover o envelhecimento com (a) arte.

*“A arte começa quando a imitação termina” – Oscar Wilde (1854-1900)*

*Quem sou eu?\_Em dia de festa* fala sobre a verdade individual, representando só e apenas nós próprios enquanto seres na sociedade em que vivemos. O que os torna especiais? Ter a oportunidade de colaborar num projeto artístico que os tem como matéria-prima.

Uma ideia que me norteou prende-se com a sobreposição entre o indivíduo enquanto caixa de vida - com as suas vivências, memórias e recursos criativos - e a caixa de palco – um lugar de representação, de luz, de paisagens que se transmutam – ambos lugares do ser, de várias verdades e de muitas mentiras ou ilusões. Assim, a combinação de ambos nesta proposta dramática, une de uma forma orgânica, sem a interface da técnica do ator, a riqueza humana, que reside nos anos que acumulamos, com o dispositivo do palco, interlocutor para o mundo.

## Contaminação

Enquanto criativa sou constantemente “contaminada” por escritores, pintores, espetáculos, criadores, filmes, bailarinos, músicos, fotógrafos, etc. Eles inspiram, motivam e encaminham, de certa forma o meu pensamento artístico sobre um determinado tema. Não poderia falar de um projeto que desenvolvi sem mencionar o que artisticamente me fez ressonância na criação e desenvolvimento deste trabalho.

Em 2014 estive envolvida no projeto *Inside Out – The people’s art project*, do artista francês JR (1983). *Inside out* é um projeto à escala global que consiste em fotografar retratos a preto e branco de várias pessoas dos países a que se destina e depois habitar os espaços urbanos com esses retratos em grande escala. Em alguns casos as fotografias unidas formam um rosto.

*“We help communities turn their untold stories into a work of public art!”*

JR, in *inside out project* web site

O projeto tem como ação social ajudar as comunidades a terem voz e a defenderem aquilo em que acreditam através de arte urbana.

Embora seja um projeto de grande impacto, é de salientar o poder de mover comunidades numa causa ou objetivo em comum. E para mim é, sem dúvida, um projeto artístico de grande inspiração, que não podia deixar de ser mencionado.

1 - Inside Out Project no *Panteão de Paris* (2014), *Arrábida shopping Porto* (2014), *India* (2011), *Lisbon week* (2019)



Anna Haplprin (São Francisco 1920-2021) Desenvolveu um projeto com seniores de vários centros comunitários afirmando que “*As pessoas de todas as idades podem dançar*”. Desta performance resulta um filme documental de Ruedi Gerber’s. Neste *Seniors Rocking* (2005) Anna sensibiliza para a criação artística em comunidades seniores. Diz que “*quando chegamos aos 80 sabemos que a vida se pode terminar a qualquer momento, e perguntamos o que é que eu fiz? O que é que eu vou deixar?*”

Este projeto da coreógrafa americana comoveu-me bastante pela sua sensibilidade humana e artística. Inspirou-me e sensibilizou-me sobre o que eu poderia fazer enquanto orientadora de um grupo de trabalho sénior. Anna questionou ideias essenciais que me ajudaram a questionar-me também enquanto criadora de um projeto artístico com a comunidade. Anna disse “*Este momento deve ser o mais importante das nossas vidas. É o momento em que questionamos tudo: o que fizemos, o que não fizemos e o que ainda podemos fazer.*” E acho que esta é a ideia central de um projeto com uma comunidade sénior.

Frida kahlo (1907-1954) reaparece na minha vida quando me proponho ao desenvolvimento deste projeto, sobretudo para me fazer questionar a ideia de autorretrato. Frida kahlo sugere um autorretrato que vai para lá do que os olhos conseguem ver. Pintava-se à semelhança da sua imagem física, mas também à imagem do que sentia, de como se sentia. Reencontrar o trabalho da pintora mexicana ajudou-me a estar mais consciente da ideia de que poderia conhecer melhor os participantes pelos seus gestos e comportamentos e não só pelo que eu procurava que eles me contassem deles próprios. Pensar desta forma ajuda-me a ser mais observadora e a estar em constante investigação e descoberta, mesmo no silêncio. Afinal, o que pode um sorriso esconder?

É incontestável a influencia de Tadeusz Kantor (1915-1990) nas práticas teatrais. Mas referi-o aqui com a sua última obra *Hoje é o dia do meu aniversário* (1991). Nesta peça Kantor recorre a memórias individuais relativas a episódios da guerra, família e amigos e pela primeira vez faz referência clara aos quadros que pintava. Tragicamente Kantor terá falecido antes de levar a peça a cena, embora a peça tenha estreado ainda assim. Kantor propunha uma celebração pessoal, uma viagem pela sua autobiografia, um ato quase documental de se apresentar.

Em 2020 assisti a dois espetáculos da atriz e encenadora Raquel Castro (1981) que me fizeram refletir sobre a questão do que é e ou pode ser celebrado e como o teatro atua nessa ação.

Raquel Castro trouxe ao Teatro Nacional de São João duas peças distintas: *A turma de 95* e *A morte de Raquel*.

Em *A turma de 95* apropriando-se de *Class of 76*, de *Alex Kelly*, o fundador dos *Third Angel*, Raquel Castro revisita e questiona a sua adolescência e a dos seus colegas de turma ao cruzar memórias do passado e a realidade do presente.

Em *A Morte de Raquel* a criadora convida-nos para o seu velório. Deixa instruções exatas e 3 atores fazem, juntamente com o público a celebração do seu funeral passando por recordações reais e inventadas.

Vejo estes dois espetáculos enquanto conceito de celebração. No primeiro uma tentativa de dar voz aos seus colegas que ficaram esquecidos pelo tempo e a criadora tenta recuperá-los e mostra-os publicamente – celebrá-los no teatro e com teatro. No segundo uma celebração pessoal pelo que foi e o que poderá ser num futuro hipotético usando a morte como fim num teatro que não termina. O que evidenciou a minha ideia de criação artística enquanto ato de celebração individual e coletiva.

*Miséria* (1988) do Teatro de Marionetas do Porto, encenado e interpretado por João Paulo Seara Cardoso (1956 – 2010) Espetáculo baseado num conto popular. Miséria, um pobre ferreiro engana a Morte e é assim condenado à eternidade. “*Falou então a Morte do alto da noqueira e fez com o velhinho um contrato: poupar-lhe a vida enquanto o mundo fosse mundo. O velhinho consentiu e a Morte desceu. Por isso, enquanto o mundo for mundo a Miséria existirá sobre a Terra.*” (conto popular) Um espetáculo que reflete sobre a velhice, sobre o que há de bom e de mau na solidão, no silêncio e na rotina diária. Este espetáculo antes de mais pertence à companhia na qual sou atriz residente e é um importante marco enquanto criação artística sobre a fragilidade de envelhecer.

Por último o livro *a máquina de fazer espanhóis* (2013) de valter hugo mãe (1971). Um livro que tem como personagem principal um senhor que perde a mulher e a família coloca-o num lar de idosos para não ficar sozinho. Toda a mansidão psicológica da personagem fez-me refletir sobre a forma como a sociedade vê as pessoas que estão na terceira e quarta idade. Há uma incapacidade inculcada e muitas vezes não ouvida.

## Parte II – Contacto

Após dois confinamentos e o adiamento do projeto algumas vezes, finalmente conseguimos começar as sessões de trabalho de forma presencial!

Desta vez, à exceção das edições anteriores, o grupo era todo do mesmo centro dia – Associação do Monte Pedral - e as sessões de trabalho no espaço do mesmo. Isto para reduzir os contactos com instituições e pessoas externas. A arte encontra sempre caminho.

O grupo inicialmente era constituído por doze pessoas, um número bastante simpático para um projeto presencial “pós-pandemia”. Durante as primeiras semanas houve elementos que iam entrando e saindo. Alguns sentiam que as suas limitações não os permitia acompanhar o projeto, outros, entravam por curiosidade e acabaram por ficar. Terminamos com onze participantes. O número não variou significativamente, apenas algumas alterações nos participantes.

As sessões de trabalho iniciaram-se no dia 7 de junho de 2021, com a proposta de, durante esse mês, o trabalho ser apenas comigo de forma a desenvolver a construção do texto.

Tínhamos planeado três sessões semanais de 1h30m cada, por isso decidi planejar as sessões semana a semana, para ir conhecendo o grupo e ver como eles iam reagindo às propostas.

### Conhecer os participantes

Na primeira sessão era importante para mim conhecer o grupo, conhecê-los individualmente, perceber quais os seus interesses, valências e vontades, assim como ouvir as suas vozes e perceber a sua relação com o Teatro. Era importante perceber também se tinham alguma incapacidade que devêssemos ter em conta.

Sugeri que cada um se apresentasse: nome, idade, profissão que exerceu, algo que ache ser relevante para a sua apresentação e que responda à pergunta: “o que é essencial na vida?”

Neste primeiro dia o objetivo era perceber:

- Quem escreve/lê
- Quem canta
- Quem gosta de dançar
- Se algum fala uma língua estrangeira
- Se algum deles pratica alguma arte: pintura, escultura, costura, etc...

- Se gostam de poesia
- Se já fizeram alguma prática de Teatro
- Música! Se gostam e o que é que gostam de ouvir. Se tocam algum instrumento.

A sessão foi positiva, todos estavam com grande curiosidade sobre o que íamos fazer. Notou-se uma vontade grande em falar e partilhar as suas histórias e uma necessidade de serem ouvidos, mesmo que seja por completos estranhos. Esta última já tinha sentido nas edições anteriores.

A sessão começou com uma breve apresentação minha e da Isabel Barros, seguida de uma contextualização do projeto. Para nós era importante transmitir que o projeto seria realizado a partir deles, enquanto indivíduos, e das suas histórias e que, acima de tudo, queríamos que se sentissem bem, que aprendessem e se divertissem. Quisemos conhecer cada um dos participantes, ouvir um pouco do que tinham para dizer:

A Virgínia Portugal Resende de Sousa tem 81 anos. Nasceu em Paranhos e foi florista até aos 70 anos de idade. Deixou a profissão que exercia na sua casa. Gosta de cantar e o gosto vem da infância, o pai era maestro, cantou muitos anos no coro da Lapa. Com 4 filhos, o essencial da vida é “saúde e amizade”.

Maria Adelaide Pereira, 82 anos, divorciada. Já fez teatro, gosta de cantar. Foi modista de profissão. O essencial da vida é ter saúde e se divertir.

Felicidade Santos Costa, 82 anos, foi empregada de escritório. Era muito feliz, muito alegre, mas agora sobre de angústia e de tristeza. A morte do marido deixou-a triste e desolada. Orgulha-se de ser humilde. Tem 2 filhos que “são uns anjos” e 5 netas “todas raparigas”. Tem uma irmã freira.

Rosa Moreira, 79 anos é solteira e feliz. Nasceu em Ponte da Barca, foi empregada doméstica. O que mais deseja é voltar à normalidade.

Maria Elisa, 88 anos, viúva, costureira. Nasceu no Peso da Régua, trabalhou na costura e diz que passou a infância a ouvir “Olha que tu não te percas!”. A Elisa tem 1 filho e dois netos. O essencial na vida é ter saúde e pessoas que nos amem.

Idalina Taborda tem 85 anos é de Penafiel. Trabalhou no comércio, correios e no BCG e reformou-se aos 57 anos. Viúva cheia de saudades das viagens que fazia com o marido. Essencial na vida é viver até aos 100 anos com saúde.

Margarete Pereira, 71 anos. Nasceu e sempre viveu no Porto, mais precisamente em Antero de Quental. Foi cozinheira, é solteira e está no centro faz 3 anos. Essencial na vida é o convívio.

Joaquim Santos, 79 anos, diz que será sempre o mais velho do grupo pois vai chegar aos 100 anos. Nasceu em Lamego mais veio viver para o Porto aos 19 anos. Teve uma empresa de utensílios, foi comerciante e feirante de roupa de senhora. Diz que a idade deve ser mental, que é sempre a forma como nos sentimos. O essencial da vida é ter saúde, amigos e estar vivo.

Ana Maria, 84 anos tem dois filhos. Foi funcionária dos correios, chefe dos correios da batalha no Porto. Adora Poesia, sabe os poemas da Florbela Espanca todos de cor. O essencial na vida é saúde e paz.

Maria Emília Freitas, 80 anos é de Guimarães e foi chisso – criança que acompanhava/trabalhava para costureira. O essencial da vida é melhor o melhor possível, com um bocadinho de amor.

Delfina dos Anjos, no centro todos lhe chamam fininha. Tem 87 anos, É de Trás-os-Montes, viveu com os pais até aos 3 anos, é muito religiosa e o essencial na vida é tratar tudo com amor.

Neste dia também conhecemos a dona Arminda, que teria interesse em participar, mas por causa das suas limitações auditivas decidiu não o fazer. No entanto pediu para conversar connosco no final, em privado. Contou-nos que há uns anos, perdeu um filho e que, como gostava muito de lhe cantar escreveu-lhe uma canção, que decidiu cantá-la para nós ainda que em lágrimas, e um dos versos era assim:

*“O meu primeiro amor foi flor  
que desabrochou e logo morreu.”*

## Planeamento das sessões

A minha proposta para esta primeira semana era muito simples: Criar laços e encontrar afinidades com o grupo. Por isso a minha sugestão para esta semana foi apenas conversar. Conversar sobre os temas que eu propunha, mas explorar o simples ato de estarmos sentados e nos conhecermos, sempre salientando que eles podiam partilhar apenas o que se sentiam à vontade, nada que os deixasse desconfortáveis. O trabalho dramático era sobre eles pois cada um tinha uma história para contar e o meu intuito é que eles fossem ouvidos. Percebi que a escrita poderia ser um fator limitativo, e como não queria que nenhum se sentisse deixado para trás, coloquei de lado a minha essa primeira ideia e fazer alguns exercícios de escrita criativa.

Na segunda sessão conversámos sobre a primeira vez - descrever uma primeira experiência, a primeira vez que fez, ou que esteve em contacto com alguma coisa.

Disponibilizo a ligação para o áudio identificado: [Áudios gravados no âmbito do Quem sou eu?'21](#)

Foi bom ver os seus olhos a viajarem no tempo. Primeiros amores, casamentos, viagens.

Para a terceira sessão era importante para mim ir mais a fundo em alguns assuntos e questões. Decidi fazer uma conversa/entrevista. Preparei previamente um guião:

- 1- Se eu disser a palavra “festa”, qual é a primeira coisa de que se lembram?
- 2- O que é que sentem ao relembrar essa situação/acontecimento?
- 3- Gostava que cada um de vocês contasse uma memória de infância relacionada com uma festa, uma celebração.
- 4- Agora uma memória de adolescência, ou de adulto.
- 5- E uma, de festa e celebração também, antes do confinamento.
- 6- O que é que vos faz soltar uma gargalhada?
- 7- O que é para vocês festejar/celebrar?
- 8- O que é que mais gostam de celebrar?
- 9- O que é que não pode faltar numa festa?
- 10- Se pudessem fazer uma festa amanhã, o que e como é que faziam?
- 11- A pandemia tirou-nos as festas, o convívio, que sentimento é que isso vos traz?
- 12- Como é que foi esta pandemia?
- 13- O que é que foi mais difícil?

- 14- Mas conseguem pensar num momento ou situação que tenha sido boa? Que vos tenha feito rir?
- 15- De que é que sentiram mais saudades?
- 16- Há alguma história que queiram partilhar, que achem que pode ser bom fazer essa partilha?
- 17- Vamos imaginar que pandemia terminou, a vida voltou ao normal. Digam o que é que têm, mesmo, mesmo que voltar a fazer?
- 18- Festas populares! O que é que sentem mais saudades?
- 19- Dança! Quem gosta de dançar aqui? Quem é que se lembra de músicas boas para dançar?
- 20- Uma forma de celebrar que não seja necessariamente em festa?
- 21- Como é que podemos celebrar alguma coisa/alguém?

Reuni o grupo em círculo e estivemos apenas a conversar.

Disponibilizo a ligação para o áudio identificado: [Áudios gravados no âmbito do Quem sou eu?'21](#)

Este momento foi útil, para além de conhecer melhor os participantes individualmente, percebi algumas dinâmicas do próprio grupo, nomeadamente alguns conflitos internos que saberia que mais cedo ou mais tarde seriam cada vez mais evidentes.

Na semana seguinte já queria introduzir algumas dinâmicas teatrais que me fossem úteis na construção dramaturgica da peça. Planeei da seguinte forma:

#### 4ª Sessão

14.06.2021

Nesta sessão vou iniciar alguns jogos teatrais, para começar a desbloquear a imaginação e dar passinhos pequenos no caminho para a teatralidade.

#### 1º exercício

o aquecimento, será o jogo “Isto não é uma bola é...”. Neste jogo o grupo dispõe-se num círculo, o orientador traz uma bola, de ténis, por exemplo, e diz “isto não é uma bola é um sabonete” (exemplo) e faz o gesto e som para justificar a sua afirmação. Passa o objeto ao outro que deve dizer “Isto não é um sabonete, é um...” e o exercício continua nesse sentido até ter passado por todos.

Este exercício serve de quebra-gelo e para desbloquear a imaginação.

#### 2º exercício

Teatro-imagem de Augusto Boal – Os participantes estão de costas para aquilo que seria a zona do público, o formador dá um tema e os participantes têm que chegar à frente e reproduzir com a expressão corporal e facial o que significa esses temas para eles, em modo fotografia.

Temas que pensei – família, festa, aniversário, pandemia, casa, amigos, 25 de abril, um sonho, profissão, profissão que gostava, mas não foi realizada, dança e por último, responder com o corpo à questão “Quem sou eu?”

No final pretendo reunir o grupo e pedir para dizerem numa palavra sobre o que é que sentiram.

#### 5ª Sessão

15.06.2021

Observar a janela, e descrever o que vê e o que sente. – Repetir o exercício com uma marioneta.

Dar possibilidades de cantar, dizer um poema. O que sentir.

### 6ª Sessão

16.06.2021

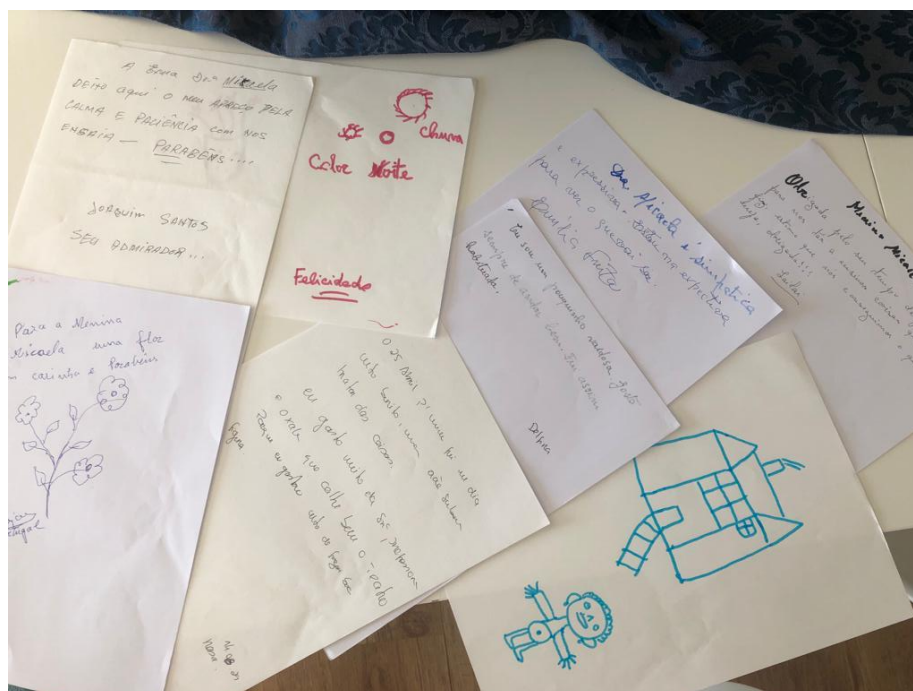
Nesta sessão quero fazer um concurso de Talentos em que cada um vai fazer o que melhor sabe e o que mais lhe dá prazer.

No final da 4ª sessão percebi imediatamente que tinha sido um planeamento utópico, pois as questões de grupo que tinha referido anteriormente revelaram-se mais cedo do que eu esperava e fui obrigada a repensar a minha forma de trabalhar com aquele grupo.

Esta sessão não correu muito bem. O grupo estava um pouco dividido e havia elementos bastante resistentes às propostas. Outras pessoas estavam desiludidas porque tinham uma ideia pré-concebida de teatro que não se estava a concretizar.

Ao deparar-me com o desânimo do grupo pedi que me fizessem uma carta, fosse em escrita ou em desenho, podia ser apenas uma partilha que não tivesse a ver com as sessões, mas que fosse algo que não fosse dito em voz alta e apenas partilhado comigo. E terminei assim a sessão. As cartas foram muito amorosas e generosas, mas continuei a ter que reformular o planeamento das minhas sessões.

Figura 1 Cartas para mim



No dia seguinte decidi fazer um exercício em círculo, mas em movimento. Com música para ajudar no ambiente. O círculo deveria dar 3 voltas completas. Na primeira volta deveriam dizer: “Eu sou... e sou... (uma característica sua que achassem relevante referir). Na segunda volta deveriam dizer: “Eu sou... e gosto... (referir algo que gostam) e na terceira volta dizer: “Eu sou... e não gosto...”

Embora neste exercício houvesse ainda algumas resistências, para mim foi muito útil e irei incluí-lo no texto final. Sentia-se um orgulho a falar deles próprios e achei por bem manter na criação do texto. Disponibilizo a ligação para os vídeos identificados: [Quem sou eu? Exercício "Eu sou..."](#)

Nesta sessão levei também duas marionetas. Uma usada na primeira edição do Quem sou eu? e outra que seria a mais próxima da que eles iriam manipular no espetáculo que iriam criar. Depois do descontentamento da sessão anterior decidi mostrar-lhes um bocadinho da experiência que iriam ter mais à frente com a encenadora. Este momento foi muito, muito positivo e bonito de ver. Todos estavam felizes, entusiasmados por ver aqueles “bonecos sérios” como lhe chamaram.

Primeiro deixei que todos explorassem de forma livre aqueles dois tipos de manipulação de marionetas e depois propus exercícios. O primeiro era falar para a marioneta como se fosse alguém, sem nenhum de nós precisar de saber quem. O segundo, falar para a marioneta como se fossem eles próprios.

Senti que este foi um momento de partilha muito puro e genuíno. Ouvei coisas muito bonitas que, mais tarde me inspiraram para um momento do espetáculo. Partilho, nos anexos, os registos fotográficos desta sessão.

Disponibilizo a ligação para os vídeos identificados: [Quem sou eu? Contacto com a Marioneta](#)

Na 6ª sessão, e a terceira da segunda semana, comecei com um exercício com uma bola de ténis para descontrair, rirmos e tentar unir um pouco mais o grupo. Um exercício muito simples que consiste em passar a bola dizendo o nome do próximo para quem quer passar, complicamos quando juntamos duas bolas ao jogo. Depois, em vez de dizermos o nome de quem vamos passar a bola dizemos o nosso com uma coisa que comece com a primeira letra do nosso nome, por exemplo: Micaela, macaca. Este jogo foi muito divertido, todos se riram muito e houve alguma aproximação entre alguns elementos visto que alguns ainda não sabiam os nomes dos outros. Depois disto fiz o exercício do Riso, que consiste em rirmos em todas as vogais.

Logo a seguir fiz uma improvisação. O desafio era ir à janela da nossa sala de trabalho e falar, apenas falar. Podiam descrever o que viam e comentar, podiam-se lembrar de um poema ou de uma canção. Podia suscitar uma memória e descrevê-la, era completamente livre. O que foi difícil para alguns, mas muito bonito de observar.

Disponibilizo a ligação para os vídeos identificados: [Quem sou eu? Exercício da Janela](#)

Para terminar pedi à Dona Virgínia, que tinha sido florista para me falar das flores que conhecia. Rapidamente o grupo todo se juntou à conversa falando das flores que lhes vinha à memória e terminei a perguntar qual era a flor preferida de cada um.

A sessão foi bonita. Olhámos pela janela, rimos alto em todas as vogais e ainda falámos sobre flores.

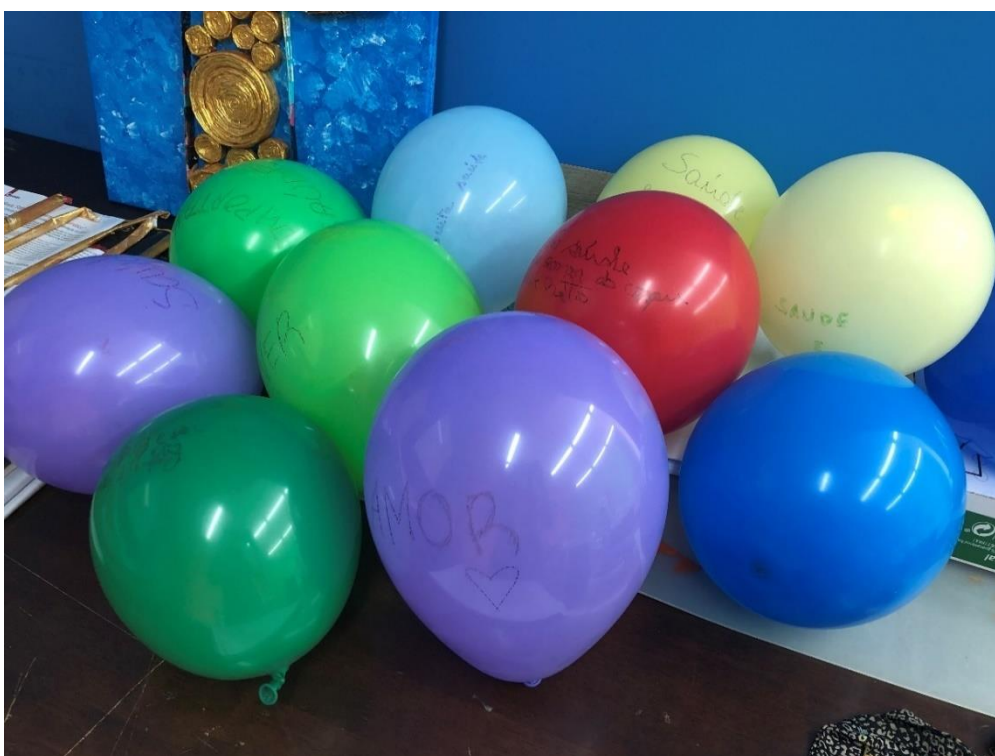
Na primeira sessão da terceira semana de trabalho, comecei com um pequeno aquecimento de corpo, sentados, mas a dançar levemente como se fossemos ondas do mar, ao som de uma música para relaxar e respirar um bocadinho. Depois decidi falar de aniversários, como e quando foi a primeira festa ou celebração de aniversário de que se lembram. E aí percebi que, uma coisa que para nós parece tão simples, a celebração de um aniversário, para a maior parte das pessoas daquele grupo só aconteceu muito mais tarde, como o caso da Rosa, a quem só lhe cantaram os parabéns naquele centro dia aos 80 anos. Percebi também que a noção de festa de aniversário partia da simplicidade de um gesto de alguém e não de uma grande festa como é comum nos nossos dias.

Continuava a notar algumas divisões no grupo, algumas rivalidades, algumas tensões entre eles, então no dia seguinte decidi fazer mais exercícios para se relacionarem. Coloquei o grupo em círculo, fora da mesa, sentados, e dei um cartão com um número a cada um. Éramos 12, por isso os números iam de 1 a 6 de forma a formarmos pares. Coloquei uma música, dizia um número e o par levantava-se e tinha de dançar. Primeiramente houve alguma resistência, especialmente por terem que dançar com quem não queriam, mas depois o grupo começou a relaxar. Repeti o jogo dos números, mas desta vez para fazer uma improvisação para se encontrarem, e este foi muito divertido de ver e inspirou-me para a criação do texto. Houve diálogos muito engraçados e pessoas a querer fazer personagens que já tinham feito noutras peças. Embora ainda com alguma resistência, fizeram o exercício. Depois dei um balão a cada um e pedi que escrevessem o que era essencial na vida para eles, como já tínhamos falado na primeira sessão. Pedi depois que atirassem o balão, que o atirassem para outra pessoa, que apanhassem outro e quando eu dissesse stop, veriam a mensagem que lhes tinha chegado às mãos.

Apreciando o exercício de fora, foi muito belo. Foi ver uma geração a regressar à infância, num momento cheio de cor e gargalhadas. Pedi que se sentassem com o seu balão novo, logo aí percebi que algumas pessoas tinham ficado aborrecidas por já não ter o seu balão.

Como era véspera de São João, e como já tinha percebido que o São João é uma festa muito apreciada por eles, ofereci uma quadra de São João a cada, a qual foi lida em conjunto e percebi que tinham ficado muito felizes. No entanto no momento de ir embora perguntaram-me o que faziam com o balão, ao que eu disse que era um presente para eles e a resposta foi: “Se não é o meu, não quero.”

Figura 1 Balões abandonados



Última semana de trabalho. Comecei por fazer um *circle singing*, uma tradição ancestral de canto improvisado. O *circle singing* constitui um ritual musical no qual os cantores, dispostos em círculo, são convidados a cantar padrões improvisados e a criar música no momento, dirigidos por um líder. Não sugeri que tivessem que cantar, mas sim emitir sons que quisessem e depois ir alterando consoante o ar ou a contaminação pelo outro. Foi evidente a estranheza nas suas caras, mas tentei levar o exercício até ao ponto em que se deixassem levar, mas confesso que não consegui com todos, houve elementos que desistiram a meio e percebi que o exercício foi um fracasso.

Para segundo exercício tinha pensado em voltar a fazer improvisações em pares, desta vez com temas. E comecei, mas houve dois ou três elementos do grupo que me disseram que não queriam fazer, porque tinham tido conflitos entre eles antes da sessão, então mudei completamente, e aquilo que tinha pensado fazer na última sessão de trabalho, passei para aquele dia. E mudei a minha estrutura da semana toda novamente.

Tinha pensado, no último dia do trabalho fazer entrevistas curtas, individuais, para conhecer os participantes sem ser em contexto de grupo, para que eles se sentissem mais à vontade para se exporem se assim o sentissem. Fiz isso na primeira sessão da semana. Confesso que foi muito útil com alguns elementos e menos com outros que estavam apenas revoltados com os conflitos que tinham tido antes da sessão.

Estas conversas não gravei, por uma questão de sigilo, não sabia o que iriam partilhar e decidi apenas ouvir, tirar algumas notas de expressões e ideias que podia retirar, mas apenas ouvi-los. O que para alguns era mesmo muito importante.

No dia seguinte, pareciam todos mais bem-dispostos e prontos para trabalhar. Dispus a sala em formato de palco e plateia, levei alguns poemas e pedi que cada fosse ao “palco” e lesse o poema. A ideia era que todos lessem pelo menos dois poemas. Foi muito curioso, muitos dos participantes conheciam os poemas quase todos e gostavam muito de poesia, por isso foi um momento bastante positivo.

Os poemas usados na sessão foram:

- *“Algumas proposições com pássaros e árvores que o poeta remata com uma referência ao coração”* Ruy Belo in Homem de Palavra (s) (1969).
- *“Aniversário”* Álvaro de campos in poesias de Álvaro de Campos (1930)
- *“Amar”* Florbela Espanca in Charneca em Flor (1930)
- *“Na hora de pôr a mesa”* José Luís Peixoto in A Criança em Ruínas

Depois falámos sobre jogos de infância, ao que costumavam brincar e partilharam-nas comigo. Disponibilizo a ligação para o áudio identificado: [Áudios gravados no âmbito do Quem sou eu?'21](#)

Antes de terminar a sessão falei individualmente com os que não tinha tido tempo de falar no dia anterior.

No último dia consegui fazer algumas improvisações deixei-os comunicar à vontade entre todos. Chamei-lhe conversas de circunstância. Foi evidente que se reuniram em grupos,

então fui passando pelos diferentes grupinhos para ir ouvindo o que diziam. Quando terminamos algumas recordaram momentos menos bons que lhes aconteceram em transportes públicos, não há muito tempo. Deixei-os desenvolver o assunto porque era um momento comum a todos infelizmente, mas que os fez comunicar entre si e embora o tema fosse negativo e pesado, para mim foi importante vê-los a comunicar uns com os outros para além dos grupinhos.

Para terminar fiz duas perguntas:

1- *O que levamos desta vida?*

2- *Qual é a parte boa de envelhecer?*

Para a primeira pergunta as respostas foram variadas:

Emília – *“É o que se deu. Depois não se recebe mais nada. Só levo aquilo que dei. E um bocadinho de amor.”*

Rosa – *“As gargalhadas que dei.”*

Ana Maria – *“Os filhos e os netos no coração – as recordações.”*

Virgínia – *“Convívio e boas amizades.”*

Delfina – *“Carinho e o bem que se fez ao próximo.”*

Para a segunda pergunta as respostas foram:

Adelaide: *“Olhar para o espelho e ver uma ruguinha a mais, mas ter saúde. Ter cabecinha. Ainda não estou assim muito mal.”*

Virgínia: *“Recompensa dos filhos, amor, educação.”*

Joaquim: *“Deixar de contar os números. A parte mais elegante da vida é não se pensar que se está velho. É o segredo.”*

Ana Maria: *“Não ter medo da morte.”*

Felicidade: *“Não tenho alegria nenhuma em envelhecer. Eu não queria, mas pronto.”*

Rosa: *“Ter saúde. Ter dinheirinho para comer aquilo que se quer. Estar bem com toda a gente.”*

Emília: *“Experiência de vida. Dever cumprido. Sinto que o meu dever está cumprido e dou graças a deus.”*

Delfina: *“Poder andar, não ficar depende de outros. Andar, ver, falar e comer.” – “E sentir!”*  
(diz a Emília)

Elisa: *“Ter uma vida pacata e o espírito novo e cantar: ó tempo volta pra trás.”*

Margarete: *“Ter amigas.”*

Terminaram a dizer que o melhor da vida é estar aqui.

## **Redescobrir ou expectativa vs realidade**

Trabalhar com a comunidade é sempre desafiante e imprevisível, seja qual for a comunidade. O meu trabalho com a comunidade tinha-se resumido a acompanhamento de duas edições de *Quem sou eu?* e embora essa experiência tenha sido muito útil para conseguir desenvolver este trabalho agora, é completamente diferente acompanhar projetos e seguir ideias de uma direção do que começar de raiz.

Depois de algum tempo de reflexão percebi que não era apenas começar um projeto em comunidade de raiz, porque apesar de tudo, eu sabia o que tencionava explorar, mas havia vários fatores que foram contra a expectativa que eu tinha criado.

O primeiro: um grupo sénior numa atividade coletiva depois de um segundo confinamento.

Percebi, ao longo do processo, que algumas daquelas pessoas foram para o centro dia porque desenvolveram um medo terrífico durante a pandemia e os confinamentos, que foram aconselhadas pelos seus médicos a irem para o centro para estarem com pessoas, terem convívio. Acrescenta-se o medo do toque, do outro, o medo de estar próximo. Em várias conversas com o diretor da associação percebi também que as pessoas estavam de facto diferentes, que lidar com o período pandémico teve um efeito negativo neles que iria demorar a ultrapassar, se é que será ultrapassado. Com isto percebi que a pandemia não tornou as pessoas mais colaborativas. Os fatores, de medo, solidão e isolamento não trouxe a ânsia de estar com o outro, só aumentou os conflitos que havia entre eles. É normal haver alguns conflitos em grupos que apesar de tudo já estão familiarizados uns com os outros, mas a questão pandémica trouxe pessoas novas e menos tolerância ao próximo.

O segundo: a idade.

A faixa etária média deste grupo são os 80 anos. Já tinha trabalhado com estas idades, mas a verdade é que, nos grupos em que trabalhei, havia sempre elementos mais novos, o que ajudava a equilibrar e uns motivavam os outros. Não se trata apenas das limitações físicas, mas também a predisposição mental de cada um, a qual aliada ao fator anterior traz algumas complicações. Este fator traz verdade, uma verdade intrínseca que por vezes nem está nas palavras, mas está claramente nos gestos e nas expressões, mas também traz um registo quase pré-adolescente quando se trata de executar determinadas tarefas, especialmente quando não querem fazer, ou em alguns comportamentos e relações de uns com os outros.

O terceiro: O espaço.

Senti que o facto de se sentirem “em casa” trouxe um conforto excecional aos participantes. Ouvir o que os outros estavam a fazer na sala ao lado, ter a televisão no canal 4 no programa que eles gostam de ver àquela hora, o lanche que era às 16h mas havia sempre alguns que queriam sair às 15h30 para se preparem para o lanche, tudo isto traz excesso de conforto, confiança e por vezes, uma ansiedade. Não ser uma atividade que os faça deslocar-se para a realizar, trouxe, desde o início, um comodismo em relação ao projeto.

O quarto: A minha idade.

No início, senti que a minha idade, embora nunca a tenha partilhado, mas também não precisava era evidente que era muito mais nova do que eles, era um fator de descrédito, por parecer tão nova e estar a dirigir algo. Isso com o tempo foi passando, mas também foi um obstáculo inicial, que não tive que ultrapassá-lo, mas conquistá-lo.

O quinto: Uma ideia pré-concebida de Teatro.

Alguns dos participantes entraram no projeto com a ideia de que iríamos trabalhar uma peça já escrita ou que o texto que se desenvolvesse fosse com personagens tipo, quando a minha proposta era uma abordagem diferente. Foi estranho para muitos deles e questionaram muitas vezes quando é que iriam ter os papéis para estudar, ou se as roupas que iam vestir iriam ao encontro da personagem que iriam interpretar.

Estes fatores obrigaram-me a uma constante adaptação face às diversidades diárias. E a reencontrar a minha pesquisa. Durante o processo percebi que o tema da pesquisa estava a ser deixado para trás, e embora isso me preocupasse, o dever social do projeto falou mais alto e o meu objetivo era que eles melhorassem enquanto grupo e encontrassem, naquele espaço, um lugar seguro e que os fizesse descontraír e talvez fazê-los esquecer, nem que por um bocadinho, as suas tristezas, frustrações e conflitos.

Tenho noção que não consegui com todos, mas consegui com alguns. E isso, para mim, foi bastante gratificante. Vou falar da Dona Emília. Na primeira semana vestia-se toda de preto e estava sempre muito triste. Pouco falava. Na segunda semana a Dona Emília trouxe uma camisola colorida e eu disse-lhe que estava muito bonita e que gostava de a ver cheia de cor. Depois disso as saias e calças também eram coloridas, vieram as joias, os sapatos. Depois as gargalhadas, as piadas! A Dona Emília revelou-se e mandava muitas piadas que faziam todos rir. Ficou muito ativa em todos os exercícios e queria fazer e fazer mais. Dávamos as mãos muitas vezes como troca de carinho silencioso e quando conversámos as duas, confessou-me porque é que era tão triste. Entendi, dei-lhe um abraço e disse-lhe, em tom de

confissão, que vê-la a rir de sessão para sessão me enchia o coração e que só lhe desejava amor. No último dia pediu-me para visitá-la de quando em vez.

A Dona Emília, foi uma afinidade mais direta. Mas como ela, vi o desenvolvimento em outros. Nas roupas, na forma como participavam, quando chegavam à sala antes de eu chegar. Quando em segredo me agradeciam pelo carinho, paciência e atenção.

## **Festa ou celebração ou comemoração**

Quando pensei em desenvolver este tema com uma comunidade sénior esperava sair do meu conceito antropológico de festa. Tencionava encontrar na noção da festa algo mais. Depois, de ver as improvisações, ouvir as gravações e rever as minhas notas, fiz um levantamento de qual se revelou o contexto de festa para eles: a comida, reunião de amigos ou familiares, as festas populares.

Para eles era impensável falar de festa sem falar de comida, boa disposição, música e a rua, a apropriação de espaço. A rua traz uma propriedade mágica em tempos de festa. A minha ideia de encontrar algo mais do que social e culturalmente familiar da ideia de celebração e de festa, desvaneceu-se. Mais tarde, ao refletir, consegui perceber que, quando eu sugeria terminar as sessões com uma canção ou salva de palmas, estava a celebrar o trabalho que estávamos a fazer.

Ao me propor a fazer este trabalho dramaturgico estou, de facto, a festejar e a celebrar estas pessoas, faixas etárias e estas vivências. O teatro enquanto espaço de regozijo pela vida.

O paradigma desta vivência é a inclusão da fala: *“Eu sou a mais pequenina que aqui vos venho saudar, dizer-vos com graça fina que a festa vai começar.”* Dita pela Delfina do Anjos na cena final, a qual incluí por ser precisamente a primeira memória de uma experiência teatral aos quatro anos de idade. Sem dúvida que esta função da arte é formadora do indivíduo enquanto ser social e enquanto arco de uma vida que aos 87 anos vem à boca de cena se preencher novamente.

## Parte III – Criação do texto

### Processo

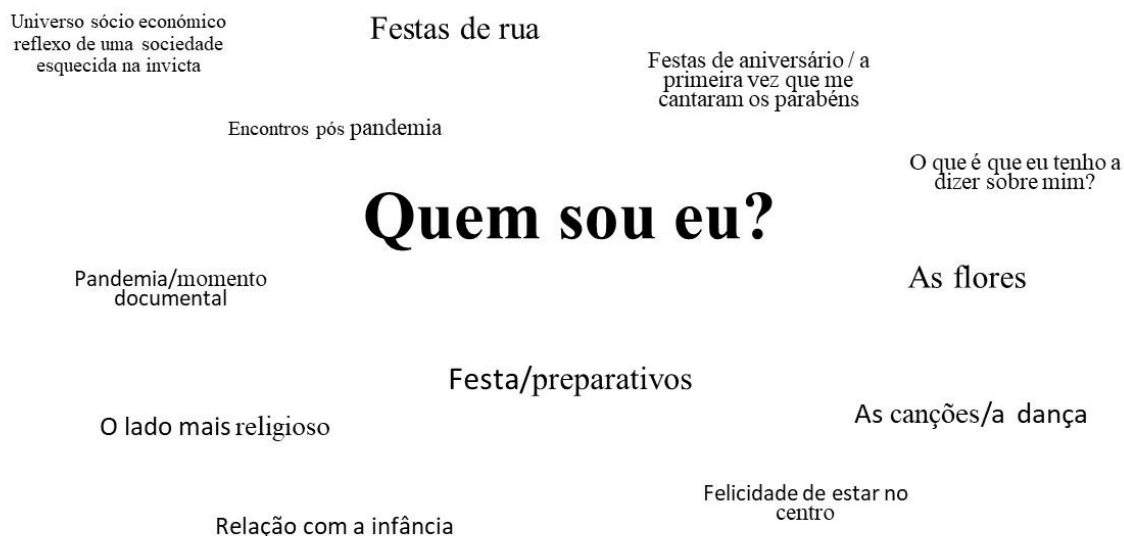
Antes de começar a escrever, revi todo o material que tinha retirado das minhas sessões de trabalho com o grupo. Depois analisei algumas ideias que me tinham surgido durante o processo. Fiz uma triagem do material que me poderia interessar, dos temas que foram mais falados e discutidos e daquilo que passei a conhecer de cada um.

Sabia que fazia sentido falar da pandemia, por ser um momento comum a todos – intérpretes, criadores e espectadores – pela forma como afetou cada elemento do grupo individualmente e no coletivo, mas, neste momento de início de escrita este tema já me parecia pouco fértil, e queria concentrar-me no lado positivo, um deles o facto de conseguirmos realizar finalmente este projeto.

Queria também recorrer às suas memórias dos momentos mais felizes que tiveram. O que é de facto importante para eles e o que a memória não permite esquecer o que, infelizmente, nem sempre são as melhores lembranças.

Depois de analisar o material surgiram os diferentes tópicos:

- Pandemia/momento documental/ simbologia da janela/ 1ª coisa que querem fazer pós pandemia
- Festas de aniversário – para muitos a primeira vez que lhes cantaram os parabéns foi naquele centro dia.
- Universo sócio económico – reflexo de uma grande parte da sociedade envelhecida portuense
- Festa de rua – a rua como símbolo mágico
- Relação com a infância
- Festa/preparativos
- O lado mais religioso
- Encontros pós pandemia
- Felicidade de estar no centro dia
- As canções/ a dança
- As flores
- A Rosa e os três namorados (relação com a história popular do Teatro dom Roberto e a Dona Rosa do Grupo que só queria namorados mas nunca quis casar)



Ao analisar os tópicos a que tinha chegado, comecei por perceber que não iria escrever uma narrativa, que o meu texto iria habitar num lugar mais de viagem pelos intérpretes; e algumas questões que revi, mais importantes durante o trabalho, do que construir um texto narrativo em que o desencadeamento das ações e personagens levam ao conflito e depois à resolução. Pretendo referir que quando iniciei o trabalho de pesquisa não sabia que tipo de texto iria desenvolver. Decidi ir de mente aberta, receber o que os intérpretes tinham para me dar e só depois pensar no tipo de escrita que iria desenvolver. Assim, entendi que o desafio iria ser trabalhar no desencadeamento das ações sem que fossem apenas ilustrativas.

Ainda em análise aos tópicos anteriores, percebi que me era difícil pensar na escrita sem pensar na encenação. Era importante para mim definir símbolos, imaginar a articulação no espaço, as cores. Então decidi deixar fluir nesse sentido.

## Símbolos

### Janela

Durante o confinamento a janela foi um símbolo forte. Era lugar de comunicação com o mundo. Lugar de reconhecimento e celebração quando todos aplaudiam os profissionais de saúde, era lugar de festa quando colocavam música nas janelas e varandas para todos dançarem, foi lugar de aniversários e de surpresas, foi lugar de esperança e foi caminho para dizer que “la ficar tudo bem”. Esta era a minha perspetiva de quem também esteve à janela a conversar com quem não podia abraçar.

Durante o período de pesquisa com os seniores, aquilo que eles mais recordavam com carinho eram os dias em que, os funcionários do centro, foram até às janelas das suas casas, dar flores, cantar os parabéns, levar um docinho, cantar uma canção ou apenas perguntar se estavam bem. A janelas das casas, eram, de facto, janelas para o mundo.

Percebi que o elemento da janela tinha que estar presente. Era um símbolo forte facilmente relacionável com os todos os presentes e um símbolo marcante para os participantes.

Janela enquanto portal para o mundo e símbolo de esperança. Janela é também símbolo de luz, de transparência, representativa da verdade. E este é um espetáculo que fala da verdade de cada um.

E foi ao pensar neste conceito de janela que surgiu a ideia da cena inicial do espetáculo.

Lembrei-me do projeto *Windows of the World* do fotografo André Vicente Gonçalves E imaginei que as janelas da primeira cena seriam inspiradas nas janelas típicas dos prédios da cidade do Porto.

Figura 2 *Windows of the world Project, André Vicente Gonçalves, janelas do Porto*



Escrever sobre pessoas próximas traz muita responsabilidade. Transpor as suas verdades para um texto dramático que tem como principal intuito ser levado a público, trouxe-me alguns medos e conflitos internos. Não queria que se sentissem desconfortáveis com o que propunha. Estava a expô-los e a minha preocupação era que, uma vez que estão a ser expostos, fossem da forma mais verdadeira e justa. Vivem num momento em que pensam que já não têm tempo. Quem sou eu para desperdiçar o tempo deles se não com a sua verdade mais genuína e pura?

Mais do que perguntar ou entrevistar, durante o período em que tive a trabalhar com eles, observei muito. Observei com quem se relacionavam nos corredores do centro, como cumprimentavam os funcionários e outros utentes, o que faziam quando estavam sozinhos, na rua, quando me viam (muitos moram na rua do centro) e isso também foi matéria a ser introduzida no texto. Comportamentos mostram mais do que palavras ou contar histórias e essa essência, para mim, era muito importante ser mostrada.

E foi a junção com o símbolo da janela, com esta ideia de comunicar fora do espaço proposto para criar e a improvisação de observar a janela que me fizeram começar a escrever a primeira cena do espetáculo.

### **Tempo e Viagem**

O tempo está diretamente ligado com a ideia de envelhecimento, assim como viagem. É inevitável transpor um trabalho realizado com uma comunidade sénior sem fazer referência ao tempo. Ele representa os anos que passaram, a velocidade temporal e a velocidade física, e a viagem traz a ideia de trajeto, percurso, caminho, jornada. Gosto de pensar na nossa existência na Terra com esta ideia de viagem.

Então, no meu texto proponho uma viagem no tempo quando os participantes recordam jogos que faziam na infância, crio uma metáfora com as flores enquanto ser vivo que faz também o seu percurso na terra em tempo indefinido. Criei uma metáfora mais direta com o girassol, que enquanto é jovem procura o sol, qualquer que seja a sua direção, e quando atinge a idade adulta observa apenas, e limita-se a existir no lugar que mais lhe é confortável. Talvez haja um lugar, quando atingimos determinada idade, que o único propósito seja esse: observar, com o todo o tempo do mundo.

## **São João**

Ao trazer esta festa popular para o texto, não pretendo evidenciar a própria festa em si, embora sei que é uma festa que tem grande impacto para eles. Traz recordações, traz saudades, traz sorrisos, portanto tem efeito positivo e relevante em cada um dos elementos do grupo. Acho que não é o conceito do evento em questão, mas sim o que ele representa: a rua – este elemento mágico que faz com que se juntem pessoas conhecidas e desconhecidas, que proporciona encontros, que traz o suporte da experiência urbana, traz luzes de várias cores representativas de movimento e presença física. A luz também simboliza vida, salvação (no sentido mais religioso) e felicidade. É neste lugar de encontros e desencontros que pretendo que coexista no universo do espetáculo.

## **Solidão**

Em maio de 2017, Constança Paúl escreve no artigo: *Enfrentar a solidão na velhice* no P2 do Público: “*Há um mito sobre a solidão que a considera uma característica dos mais velhos. Sabemos, no entanto, que a solidão é mais sentida no grupo dos 15-24 anos, descendo nas faixas etárias seguintes e crescendo novamente nas pessoas mais velhas, sobretudo com 80 ou mais anos.*” A Solidão foi de facto o fator mais em comum entre os participantes. Todos me falaram que o mais triste para eles era regressar a casa e estarem sozinhos, ou que o mais doloroso eram os fins de semana sem ninguém. Este fator foi claramente mais evidenciado com a pandemia, em que a ausência das idas ao café, ao parque ou até ao próprio centro dia, lhes tiraram qualquer tipo de contacto com o mundo exterior. Embora ache importante mostrar esta realidade, tentei abordá-la apenas num momento do espetáculo uma vez que o meu grande objetivo com este objeto artístico era focar-me no que há de mais positivo na vida destas pessoas.

## **Marionetas**

Não posso dizer que tenha sido um texto pensado especificamente para marionetas. Primeiro costume defender o trabalho da companhia como Teatro com Marionetas e não de marionetas, precisamente por trabalharmos a marioneta como um complemento à ação dramática e não como ponto de partida. A marioneta serve o espetáculo, assim como um adereço, um figurino ou uma peça de cenografia. Em segundo lugar, escrever uma peça para marionetas seria limitativo em termos representativos e físicos, pois devido à mobilidade de cada um, esta execução apenas para marionetas poderia se revelar um problema., Mais uma vez, o teatro une-se com as formas animadas numa coligação perfeita. A marioneta neste

espetáculo surge como reflexo, companheira ou até espectador. Pensei nesta abordagem depois de ter feito a improvisação com o grupo quando usei as marionetas para a sessão. Houve uma vontade imediata de “brincar”, mas principalmente de dialogar e é nesse lugar do diálogo que os reconheço a todos, nessa necessidade de estar em constante comunicação. Precisamente, devido a essa solidão que sentem, a marioneta mostra-se como companheira ou como um reflexo deles próprios. No final há uma união entre pessoa e o objeto (in)animado, numa dança em que não se sabe quem está a comandar.

### **Festa Infinita**

Quis trazer a ideia de festa infinita para que não se olhe para o fim. Embora esta Festa Infinita seja a cena final do espetáculo. Quando pensamos na velhice surge-nos sempre a ideia de tempo a chegar ao fim. É inevitável, caminhamos todos para esse “fim”. Procurei, na construção deste texto, afastar-me da ideia do fim, do relógio a andar para trás. A intenção prendia-se com o conceito em que mesmo que o fim seja garantido, que não se desista, ou se pare, mesmo que se acredite que já não seja possível recuperar esse tempo. A intenção é que, mesmo que acreditem que já não há nada para celebrar, devem continuar nesta festa/celebração/comemoração infinita deles próprios. A intuito é trazer a alegria, mesmo que ela pareça já não querer nada connosco.

## **Quem somos nós aqui, hoje?**

Como qualquer criativo tive um momento de bloqueio em que não conseguia escrever. Estava insegura com as minhas ideias, com o tipo de texto (talvez demasiado expositivo) que estava a surgir, e queria escrever para servir a encenação da Isabel Barros, o que me estava a limitar porque não conseguia encontrar um lugar de equilíbrio entre a forma que gosto de escrever o lugar da encenação e a justiça para os participantes. Demorou um pouco até conseguir fazer com que a escrita fluísse. Conversei com a minha orientadora e com a Isabel Barros que me transmitiram alguma confiança para continuar a desenvolver as ideias a que me tinha previamente proposto.

Durante o processo de escrita percebi que o espetáculo não iria mergulhar completamente nas memórias, como era o intuito inicial, mas sim neles próprios enquanto indivíduos. Percebi que estava a revelá-los sem revelar experiências demasiado pessoais. Expô-los ao mundo, pessoalizando-os nas suas características mais evidentes, sem transcrever histórias pessoais, pareceu-me ser moralmente mais justo para este grupo.

A escrita caminhou num sentido de celebração do que eles são hoje, no que sentem hoje e no que querem dizer hoje, no presente. As memórias que têm são resultado da forma como veem a vida hoje. Além disso, as memórias podem ter um peso demasiado forte para suportar, mesmo que sejam felizes podem trazer mágoa. Habitar esse lugar, pareceu-me perigoso e injusto.

Hoje somos bastante diferentes do que fomos e hoje temos o poder da palavra. Para além disso, no caso desta 3ª edição há uma ideia de coletivo que não estava tão presente nas anteriores. São todos do mesmo centro dia, têm todos o mesmo fator em comum – aquele espaço – veem-se todos os dias, falam-se, já têm memórias que são apenas dali. Desta forma, tentei transportar essa ideia de lugar comum a todos eles para a cena teatral. Aproveitar esse lugar para levar pessoas de forma a viajar do Teatro Helena Sá e Costa para a Associação Monte Pedral.

Tive em consideração a quantidade de texto pelas suas limitações de memória e decidi introduzir um narrador que ajudaria a encaminhar o percurso pelo espetáculo. E pensei que não poderia ser um espetáculo muito longo também pelas suas limitações. No tempo que passei com o grupo percebi que se cansavam muito rápido, o qual foi tido em consideração na composição do texto.

## **Parte IV – Objeto artístico**

### **Quem sou eu? Em dia de festa** um texto de Micaela Soares

Este texto foi construído no âmbito de um estágio do Mestrado em artes cénicas especialização de interpretação e direção artística da ESMAE no Teatro de Marionetas do Porto, para o espetáculo Quem sou eu? em cena no Teatro Helena Sá e Costa em novembro de 2021.

## Cena I

*Vêm-se janelas suspensas no palco.*

*O Senhor Joaquim entra, coloca-se numa janela, e começa a tocar harmónica.*

*Os intérpretes vão entrando e posicionando-se na sua janela.*

**Adelaide** – Ui! Tanta gente aqui hoje! Que espetáculo!

**Emília** – Só gente bonita! Parece que me estou a ver ao espelho.

**Delfina** – Diz-se que os olhos são o espelho da alma.

**Virgínia** – O pior é quando os olhos já não estão bons. Não se vê nada nem para dentro nem para fora! (*risos*)

**Idalina** – Ui! Eu já não quero ver mais nada! Há muita coisa que eu não gosto.

**Margarete** – Que flores bonitas ali ao fundo! São lilases.

**Emília**- (*cantar*) Menina estás à janela

com o teu cabelo à lua

não me vou daqui embora

sem levar uma prenda tua

Sem levar uma prenda tua

sem levar uma prenda dela

com o teu cabelo à lua

menina estás à janela... Pronto não sei mais!

**Ana Maria** – Ó dona Emília está tão bonita hoje! Essas joias ficam-lhe bem.

**Rosa** – Ó Lai Lai estás em casa? Não vais dançar hoje?

**Idalina**– Bom dia, dona Virgínia! Ainda tem Flores?

**Lai Lai** – Senhor Santos, conte-me uma anedota.

**Alice**- Ana Maria diga lá um poema da dona Florbela!

**Felicidade**- Dona Idalina, muito bom dia!

**Margarete** – Beijinhos Rosa!

**Joaquim** – Ó dona Alice gosta de farturas? É que eu nunca me fartei de comer farturas.

**Felicidade** – Os meus filhos são uns anjos!

**Idalina** – Aqueles ali ao fundo estão em festa!

**Rosa** – Ai que saudades que eu tenho de uma festa!

**Todos** – E eu!

- também eu!

- E eu!

**Rosa** – lembrei-me agora da primeira vez que me cantaram os parabéns! Foi aqui no centro!

Que feliz que eu fiquei. Nos meus 80...

*(todos cantam os parabéns à Rosa)*

**Rosa** – Obrigada! Obrigada!

*(os participantes vão fechando as janelas “regressando” às suas casas)*

## Cena II

**Narrador:**

À medida que os anos passam por nós,

há muita coisa que muda.

O mundo.

Esse deixa de ser como o conhecíamos.

As pessoas.

Algumas pessoas mudam connosco

outras ficam para trás

e outras sempre foram muito à frente (*risos*)

Nós próprios

Vamos mudando ano após ano

Há coisas que não gostávamos que aprendemos a gostar.

Há uma ruga nova que aparece a cada ano. Uma dor aqui, outra ali.

Parece que é o espelho que muda, mas na realidade somos nós, o espelho é sempre o mesmo, ainda que com uma moldura diferente.

E todos os que nos veem a mudar esquecem-se que outrora corremos em parques, caímos e os nossos pais tiveram que nos pôr *betadine* nos joelhos, estivemos apaixonados, sentimos borboletas na barriga, tivemos saídas com amigos, tivemos as nossas profissões, as nossas conquistas pessoais.

O mundo parece esquecer-se de quem tem mais idade.

Hoje, aqui, queremos dar um pedacinho de nós ao mundo, para lhe dizer que, ainda que os anos continuem a passar, não deixamos de sentir borboletas na barriga.

### **Cena III**

*Há uma porta em cena. O Narrador coloca-se ao lado da porta e diz:*

**Narrador:** Todos os dias entram por aquela porta.

*Ouve-se de fora:* Bom dia Paulo, como está?; Bom dia meninas, vamos lá não é?! Tem de ser! Bom dia!; Bom dia filhas, isto hoje está complicado. Mas vamos lá devagarinho!

**Narrador:** Todos os dias eles dão-nos um bocadinho deles.

*Cada intérprete entra pela porta, como se apresentassem.*

Eu sou a Virgínia Portugal e gosto muito do meu País.

Eu sou a Lai Lai e gosto de me divertir.

Eu sou a Emília e gosto muito de pessoas.

Eu sou a Idalina e gosto de recordar o passado

Eu sou a Felicidade e gosto muitos dos meus netos e dos meus filhos. Que são uns anjos!

Eu sou o Joaquim e gosto de ir aos figos. Estou a brincar, gosto de ajudar.

Eu sou a Rosa e gosto muito de me rir à gargalhada

Eu sou a Delfina dos anjos e gosto de coisas frescas

Eu sou a Ana Maria e gosto de ver a seleção a jogar.

Eu sou a Margarete e gosto de ser bem tratada.

Eu sou a Alice e a escrita é o meu refúgio.

### **Cena IV**

**Joaquim** – Lembram-se?

**Delfina** – Lembram-se de quando éramos crianças?

**Adelaide** – Corríamos tanto!

Brincávamos tanto na rua!

**Virgínia** – Ui! Agora já não há nada disso!

**Idalina** – É tudo diferente!

**Narrador** – Então, e se jogássemos ao Babona?

**Rosa** – Ai Paulo eu lá tenho pernas para isso!

**Ana Maria** – Não!

**Alice** – Eu não consigo!

**Narrador** – Vamos lá! Vamos relembrar.

- *(cantado)* E recordar é viver

*(risos)*

*(O narrador chega com um fio que se vai esticando com um anel, simboliza o jogo do anel)*

Babona que estás no meio

Ó babona!

Estás feita uma toleirona

Ó babona!

Estás vendo o anel a passar

Ó babona!

Sem nunca o poder achar

Ó babona!

Ele aí vai, ele aí vai

Ele por aqui passou, mas já parou

Quem tem?

- Sou eu!

*(Risos)*

**Narrador** – Lembram-se d' O bom barquinho?

*(Todos em coro)*

Bom barqueiro

Bom barqueiro

deixa-nos passar

carregada de filhinhos

Para acabar de criar

Passarás, passarás

Algum dele há de ficar

Se não for o da frente será o de trás

*(Risos)*

### **Cena V**

*Chegam um a um com uma mesa, uma cadeira, um prato, um copo, um par de talheres, sentam-se.*

*Momento em que se personifica a solidão à hora de jantar.*

#### **Narrador:**

Abril de 2020

O sol põe-se.

O jantar.

Só para um.

Outra vez.

Ouvem-se as palmas lá ao longe.

Cada um se encontra consigo mesmo.

mais uma vez

Outra vez

*(Os intérpretes tiram uma marioneta do bolso, fazem-na percorrer no seu corpo, na sua mesa, conversam com ela)*

[Frases soltas]

**Delfina**- Tenho saudades, sabes?! De ir à nossa capela, da missa.

**Margarete**- És tão bonita.

**Idalina**- E estás aqui!

**Emília**- Fazes-me companhia!

**Rosa**- Contigo aqui já não me sinto tão só.

**Adelaide**- Ajudas-me a passar o tempo.

**Alice**- Aqui não vemos a loucura que estão os dias.

**Virgínia**- Não me olhes assim, não me julgues.

**Felicidade** – Tenho muita sorte, os meus filhos são uns anjos.

**Rosa**- Tu porta-te bem! Olha que eu já não tenho idade para malandrices.

**Joaquim**- Pareces eu em criança! Mas eu mexia-me melhor do que tu.

**Ana Maria**- Cada vez percebo menos do que se passa à minha volta.

*(ouve-se uma voz)* – O que se leva desta vida?

**Emília** – “É o que se deu. Depois não se recebe mais nada. Só levo aquilo que dei. E um bocadinho de amor.”

### **Cena VI**

*(Extensão da cena anterior.)*

*Os intérpretes começam a dançar ainda na mesa com a sua marioneta, levantam-se cada um no seu tempo. Na dança vão guardando a marioneta no bolso e continuam a dançar sozinhos. A celebração individual/pessoal.*

### **Cena VII**

#### **Narrador:**

Noite.

23 de junho de 2021

Noite

Rua do Padre José Pacheco do Monte

Monte Pedral

Tarde de São João

Temos o nosso pátio decorado com grinaldas de várias cores

O fogareiro já está aceso, a grande mesa já está posta e a sardinha já tem sal.

*(O narrador começa a tocar acordeão e o Senhor Joaquim harmónica)*

*Os intérpretes entram e fazem os encontros, já não se viam há muito tempo.*

**Joaquim-** Olá D. Emília, como está?

**Emília-** Olá Sr. Santos, está tudo bem obrigada

**Joaquim-** Há quantos anos a gente não se vê?

**Emília-** Praí ou mais.

**Joaquim-** A senhora está mais bonita.

**Emília-** E o senhor está mais velho.

*(risos)*

**Felicidade-** Sabe, não estou para grandes festas.

**Ana Maria-** então porquê?

**Felicidade-** não me tem apetecido. Ando assim meia apagadita.

**Idalina-** Olá!

**Rosa-** Olá!

**Idalina-** Que bonito que isto está hoje!

**Rosa-** Que saudades que eu tinha disto aqui, das pessoas, das luzes, dos risos.

**Idalina-** sabe onde é que eu fui no outro dia?

**Rosa-** Onde?

**Idalina-** Ao pequeno Louvre.

**Rosa-** Ai sim? Olhe eu gosto mais do pequeno-almoço!

*(risos)*

**Margarete** – Eu quero uma sardinha na broa!

**Alicie** – Eu também quero!

**Ana Maria** – Venha dona Felicidade!

**Felicidade** – Os meus filhos são uns anjos, sabe?

**Alice** - Pois, já tinha dito.

**Adelaide-** Isto hoje é que vai ser! Anda dançar, anda!

**Emília-** Oh! Vai chatear o zé das taipas!

*(risos)*

**Rosa-** Ai está tão bonita, vai arranjar namorado hoje!

**Delfina-** Oh Dona Rosa, eu lá tenho idade para isso!

**Adelaide-** Então não temos?! Nós estamos aqui todas pra-frentex!

**Virgínia-** Oh eu já não sou o que era...

**Adelaide-** Deixe-se disso, vamos mas é dançar!

*Depois de alguns momentos de dança, a cena vai desvanecendo. Vão saindo dizendo adeus e até amanhã, fica um fundo de música, a luz baixa, desaparece.*

### **Cena VIII**

*A cena começa com os intérpretes a cantar um excerto do Fado Flor de Lua de Amália Rodrigues:*

Solidão, campo aberto  
Campo chão, tão deserto  
Meu verão, ansiedade  
Meu irmão, de saudade

Campo sol, girassol, branco lírio  
Ilusão, solidão, meu martírio  
Torna a flor, minha flor, campo chão  
Torna a dor, minha dor, solidão

*Os intérpretes recolhem flores ao longo do palco, oferecem uns aos outros.*

**Narrador** – As flores alegram sempre os dias de festa.  
São as únicas que, num convívio, não emitem qualquer som audível.  
Ficam sossegadas no seu lugar. Aparentemente imóveis.  
Mas com as suas formas, as suas cores,  
chegam suavemente  
e poisam na jarra, na mesa e ficam ali  
a olhar,  
sossegadamente,  
quem passa,  
sabendo sempre que, sem falar,  
vão atrair atenção,  
seja pela sua cor,  
beleza,  
cheiro,  
forma.  
Haverá sempre alguém que quererá tocar,  
cheirar,  
admirar,  
comentar para outros,  
ou simplesmente lhe sorrir.  
As flores sabem que,  
qualquer que seja o seu destino,  
irão sempre fazer sorrir alguém.  
Na paisagem,  
no presente,  
de mão em mão,  
numa fotografia,  
na mesa da sala.

**Todos** – Lírios, jacintos, margaridas, cravos, camélias, amores-perfeitos, tulipas, antúrios, narcisos, jarros, rosas, papoilas, mimosas, estrelícias, hortências, orquídeas, jasmins, santas terezinhas, junquinhos, dalias, açucenas, papoilas,

**Narrador** – todas e tantas que trazem consigo as memórias e as lembranças. Das festas, dos aniversários, das mães e das avós, das partidas e das chegadas. As flores, com o seu tempo, são intemporais. Celebram a vida e a morte, a alegria e tristeza dando sempre alegria mesmo no dia da tristeza.

Girassol.

A flor que me lembra um bocadinho de cada um de nós.

Um girassol jovem tem a sua própria rotina diária.

Segue o sol desde o seu nascer no lado leste até se pôr no lado oeste.

Ao anoitecer, o girassol jovem regressa novamente ao lado leste e espera que o sol volte a nascer para um novo dia de luz. Para à noite regressar outra vez. Mais um dia, outra vez. E uma noite, outra vez.

Atingindo a sua fase adulta, o girassol permanece no lado leste e apenas observa o nascer do sol todos os dias, manhã após manhã. Dia após dia.

*Um dos intérpretes fica sozinho em cena, com um molho de flores na mão. Usa essas mesmas flores para decorar a mesa na cena seguinte.*

## **Cena IX**

*Entra em cena uma grande mesa de jantar, ao seu ritmo, e conversando uns com os outros vão preparando a mesa. Travessas, pratos, copos, talheres, flores, velas.*

*Reúnem-se todos na mesa.*

**Delfina:** (*À boca de cena*) Eu sou a mais pequenina que aqui vos venho saudar, dizer-vos com graça fina que a festa vai começar.

*Entra a música todos começam a comer e a conversar, a rir...*

*O senhor Joaquim começa a bater com um talher no copo como se quisesse fazer um discurso. A música para.*

**Adelaide** – Ó, prontos, vai falar!

**Virgínia** – vai cantar o fado! (risos)

**Alice** – Shiu! Calem-se!

**Joaquim** – Um dia, não há muito tempo, perguntaram-se qual era a parte boa de envelhecer. Não nos fazem essa pergunta muitas vezes. Eu acho que a parte boa de envelhecer é deixar de contar os números. A parte mais elegante da vida é não se pensar que se está velho. Esse é o segredo.

**Ana Maria** – Eu acho que é deixar de ter medo da morte.

**Virgínia** – Para mim é recompensa dos filhos, amor, educação.

**Felicidade** – Os meus filhos são uns anjos.

**Rosa** – Para mim é ter saúde. Ter dinheirinho para comer aquilo que se quer. Estar bem com toda a gente.

**Todos** – É isso Rosa!

**Delfina** – é poder andar, não ficar depende de outros. Andar, ver, falar e comer.

**Emília** – E sentir!!

**Adelaide** – Olha, é olhar para o espelho e ver uma ruguinha a mais, mas ter saúde. Ter cabecinha. Ainda não estou assim muito mal. (*risos*)

**Margarete** – É ter amizades.

**Felicidade** – Eu não tenho alegria nenhuma em envelhecer. Eu não queria, mas pronto.

**Idalina** – é estar aqui! Eu gosto muito de estar aqui!

**Emília** – Para mim é a experiência de vida e o dever cumprido. Sinto que o meu dever está cumprido e dou graças a deus.

**Alice** – Ter uma vida pacata e o espírito novo e cantar: ó tempo volta pra trás.

**Todos** – (*cantam*) Traz-me tudo o que eu perdi

Tem pena e dá-me a vida

A vida que eu já vivi

(*Risos*)

(*Dirigem-se todos à boca de cena*)

**Todos** – (*coro*) Vivemos aqui e ali

Contamos histórias aqui e acolá

Sabemos rir

Sabemos brincar

Às vezes o passo pode ser mais lento, mas vamos lá.

No nosso tempo, ao nosso tempo.

E o tempo não para!

O espetáculo acaba.

Vai acabar

Mas a festa é infinita e está agora a começar.

*Em pontos do palco diferentes, ainda à boa de cena, têm na mão um balão grande, todos de cores diferentes, cada um com uma mensagem que responde à pergunta: “O que é essencial na vida?”, previamente escrita. E atiram o balão para o público.*

***Fim***

## Nota sobre o texto

*“Nada disto foi ideia minha. Foi tudo vocês. Eu só tentei juntar e organizar tudo”*  
Anna Halprin em *Seniors Rocking*, 2005

Como se pode observar, o texto surge dos intérpretes, na medida em que são palavras, frases e expressões referidas pelos mesmos através de diversos exercícios que realizei, contudo, não são apenas palavras, são os seus sentimentos, os desejos, as esperanças, receios e medos, evidenciando assim, a verdade de cada um.

A celebração das suas palavras, e do que eles querem dizer, constitui-se como o centro deste projeto. O guião pretende celebrar estas palavras, já que estas palavras, frases, canções, provérbios, ditos ativam o dispositivo da metonímia, chamando e coando as nossas sessões e os diversos momentos em que fomos evoluindo no nosso conhecimento mútuo e em que fomos festejando o que eles ainda possuem para comunicar ao mundo. O texto oferece uma contante comunicação com o exterior. Desde o momento em que falam para o público até ao momento em que lhes oferece um balão, num ato quase ingénuo como uma criança. Essa é a celebração da componente cénica. A componente lúdica em que uns falam para que os outros ouçam e reflitam. Esse festejo do poder do protagonismo, em que sem se pedir ou sem forçar os nossos pares, os nossos vizinhos se reúnem para nos ver, ouvir, sentir e principalmente pensar em como aquelas palavras ditas por seres iguais a nós estão a ser celebradas no sentido etimológico do verbo latino, segundo o site Priberam: *“latim celebro, are, assistir em grande número e solenemente, festejar”*. Realmente estão a ser assistidas por diversas mentes e de uma forma solene, ritual. O festejar é um transbordar de emoções dos corpos. Isso foi o que retirei das sessões com este grupo maduro.

Penso que o objeto artístico vai ao encontro do que me propus abordar.

## Considerações Finais

Aos dezasseis anos entrei num curso profissional de intérprete de teatro, aos dezanove iniciei uma colaboração ativa e regular com o Teatro das Marionetas do Porto e em todos estes anos nunca perdi a noção de que fazer teatro é um ato circular. A finalidade do teatro é tocar o público. O espetáculo constrói-se e desenvolve-se sempre com o seu propósito final: tornar público o trabalho, mas nunca termina aqui. O teatro tem a particularidade de ser efémero na sua forma mais pura. Propõe estar em constante desenvolvimento, tornando única cada apresentação. E no “final”, nos aplausos, celebra-se o entusiasmo, o sucesso e no dia seguinte quer-se regressar outra vez, seja para a nova récita, para a criação de um novo espetáculo ou uma reposição. O teatro tem a capacidade de habitar e orbitar neste lugar circular, elíptico e saudavelmente vicioso, na sua constante procura de celebração e criação. A arte cénica que se celebra a si própria, e que nunca termina.

O teatro tem, na sua dimensão mais poética, a arte de se immortalizar na memória de quem o vive. *Quem sou eu? Em dia de festa* é um espetáculo para o público, mas certamente mais para os seus participantes. É inegável o contributo das artes para o envelhecimento ativo. Mover comunidades e desafiá-las a habitar no lugar da criatividade e improvisação, estimula a parte física e intelectual, dando a sensação de bem-estar e felicidade. Ser, juntamente com o Teatro de Marionetas do Porto, impulsionadora de projetos que podem fazer com que as pessoas, com uma tendência incontestável para se sentirem tristes, sejam um pouco mais felizes é motivo de gratificação. Projetos como este comportam uma responsabilidade social e individual. É importante nutrir projetos que usam a arte para abraçar as fragilidades de quem é menos protegido pela sociedade.

É impossível para mim terminar ou concluir o que é coabitar os conceitos envelhecer e festejar no mesmo espaço cénico e dramaturgico. É e será inconclusivo. É um tema fértil, com muitas ramificações a serem exploradas. É uma pesquisa que não fica concluída. É uma pesquisa que se propõe a desenvolver com pessoas e que terá sempre elementos em comum e elementos distintos. São conceitos que se refletem sobre eles próprios de indivíduo para indivíduo, de cultura para cultura. Idealmente este projeto continuaria a ser explorado com vários grupos de comunidades seniores, sob o mesmo tema. A abordagem seria sempre diferente e conseqüentemente o resultado final também.

Para mim, a proposta de fazer estes conceitos coexistirem no mesmo lugar, é também sugerir que o trabalho de pesquisa seja continuado e o meu objetivo é explorar a coexistência deste tema no meu trajeto artístico, num (ou vários) espetáculos profissionais e, posteriormente,

propor esta coexistência a um dramaturgo e construir um novo espetáculo, tendo assim a oportunidade de relacionar a sua abordagem com a minha e daí talvez possa surgir um outro espetáculo – não vivesse eu neste círculo vicioso do teatro. E por último, voltar a repetir o processo com uma comunidade sénior e se possível, concluir com a encenação, pelo conteúdo fértil do tema, mas também pelo impacto social que o desenvolvimento de projetos como este proporcionam.

Sou jovem. O pensamento artístico é algo que me move e me motiva. Mas também sou filha, sou irmã, sou tia, também sou amiga, um dia talvez seja mãe, quem sabe, esposa. Um dia serei mais velha. Não sei se chegarei sequer aos 80 anos, mas serei mais velha, e neste percurso, tive o privilégio de perceber melhor o que poderá significar ser idosa ou que, eu posso escolher como serei quando for mais velha. No meu olhar imaturo e apenas humano, desprovido da minha profissão, vejo que procuramos sempre o mesmo, qualquer que seja a idade: Amor, carinho, companhia, atenção.

Somos 7,8 biliões de pessoas em todo o mundo e vivemos, cerca de 80 anos da nossa vida, atormentamos com o medo de estar sozinhos.

Talvez seja tempo de nos celebrarmos mais.

## Fontes de informação

- Cardoso, D.M. (2020). *Porque escolhemos não ver os velhos?* [on-line] retirado de <https://www.publico.pt/interactivo/porque-escolhemos-nao-ver-os-velhos>
- Bauman, Z. & Donski L. (2014) *Cegueira moral: A perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Relógio de água.
- JR (2011). *Inside Out Project* [on-line] retirado de <https://www.insideoutproject.net/en/about>
- Halprin, A. Anna Halprin [on-line] retirado de <https://www.annahalprin.org/>
- Gerber, R. (2005). SENIORS ROCKING Trailer [on-line] retirado de <https://vimeo.com/104301025>
- Kantor, Tadeusz, *Today Is My Birthday* consultado em agosto de 2021: <https://culture.pl/en/work/today-is-my-birthday-tadeusz-kantor>
- Castro, Raquel. (2020): *A morte de Raquel*: Barba Azul
- Castro, Raquel. (2019): *A Turma de 95*: Barba Azul
- Third Angel [on-line] Consultado em agosto 2021: <https://thirdangel.co.uk/about-third-angel>
- Seara Cardoso, João Paulo. (1991): *Miséria*, Porto: Teatro de Marionetas do Porto
- Gonçalves, A.V. *Windows fo the world Project* consultado em 2021: <https://www.andrevicentegoncalves.com/>
- Teatro de Marionetas do Porto. (2018). *Quem sou eu?* Porto, Teatro do Campo Alegre
- Teatro de Marionetas do Porto. (2019). *Quem sou eu?* Porto, Teatro do Campo Alegre
- Mãe, V. H. (2013). *a máquina de fazer espanhóis*. Lisboa: Porto editora
- Paúl, C. (2017). *Enfrentar a solidão na velhice* [on-line] retirado de <https://www.publico.pt/2017/05/28/sociedade/noticia/enfrentar-a-solidao-na-velhice-1773162>
- Dicionário Priberam. *Celebrar* [on-line] retirado de <https://dicionario.priberam.org/celebrar>
- Marta Sofia Adães Azevedo (2015) *O envelhecimento ativo e qualidade de vida: uma revisão integrativa*. (dissertação de mestrado), Escola superior de enfermagem do Porto, consultado em abril 2021: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/10776/1/marta%202020%20de%20abril%20-%20tese%20final%20-%20pdf.pdf>

- Laura Patrícia Silva Fernandes Faria Ganilo (2017) *O Contributo da animação teatral para o envelhecimento ativo*. Consultado em Abril de 2021:  
<https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/9686/1/LauraGanilo2015068.pdf>
- Nídia Marta Gonçalves Aurízia Anica, *Contributos do Teatro para o Envelhecimento (Cri)Ativo*, consultado em Abril de 2021:  
<https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/10690/1/NMarta%20%26%20AAnica.pdf>
- Associação Monte Pedral: <http://monte-pedral.pt/?fbclid=IwAR21ekPrTicd9su5TwjLqiLZQVpnrGGRX6nYUtv7cOyJoBasuo-eJFmhzOE>
- Teresa Brayshaw: <http://www.teresabrayshaw.com/about/4584473406>

## Anexos

*Figura 3 Primeiro contacto com uma marioneta, Emília*



*Figura 4 Primeiro contacto com uma marioneta, Delfina*



*Figura 6 Primeiro contacto com uma marioneta, Elisa e Emília*

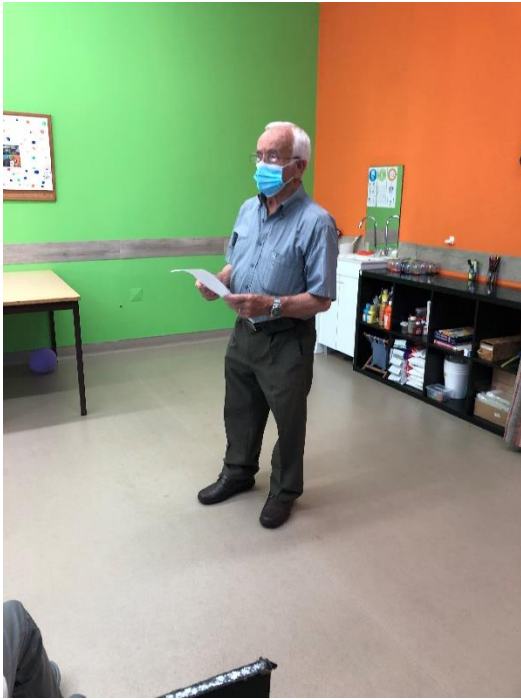


*Figura 5 Primeiro contacto com uma marioneta, Idalina*



Quem sou eu? Em dia de festa

Figura 8 Leitura de poemas, Joaquim



Micaela Soares  
Figura 7 Leitura de poemas, Adelaide, Idalina e Ana Maria

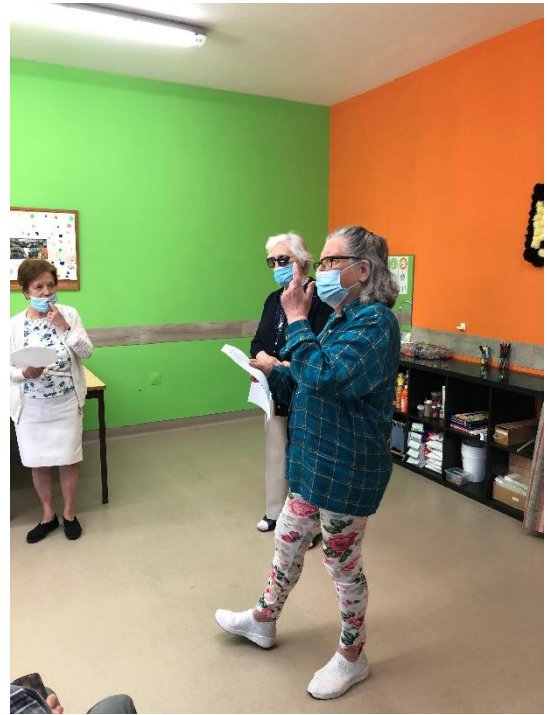


Figura 10 Exercícios de improvisação, Rosa e Adelaide



Figura 9 Exercícios de improvisação, Felicidade e Idalina



Figura 12 Fotografias de quando a Delfina fazia teatro na paróquia

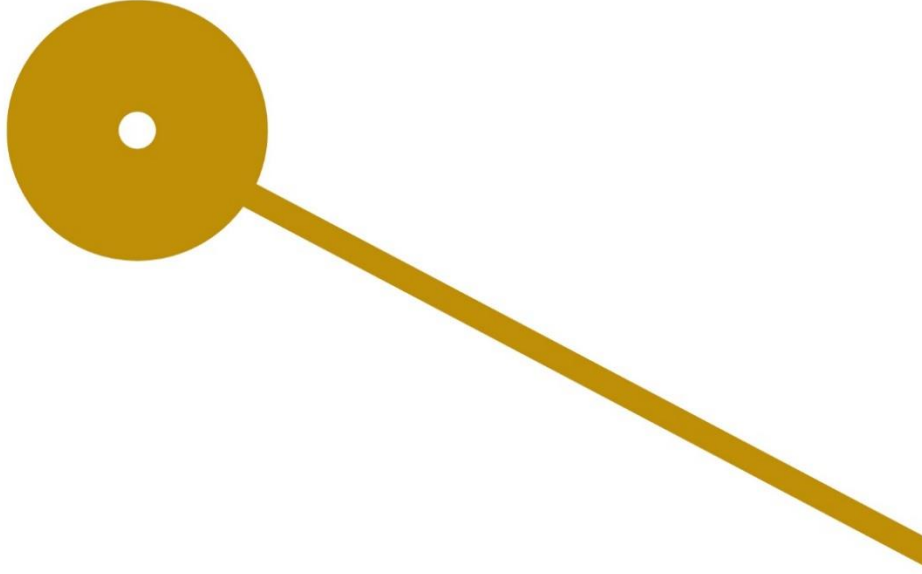


Figura 11 Entrada da Associação Monte Pedral



ESCOLA  
SUPERIOR  
DE MÚSICA  
E ARTES  
DO ESPETÁCULO  
POLITÉCNICO  
DO PORTO

P.PORTO



**M**

MESTRADO  
ARTES CÉNICAS  
INTERPRETAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA

Quem sou eu? Em dia de festa  
Micaela Cristina Soares de Moura